

será desvendado o significado daquela alta Côrte na história das relações de poder de nossa história.

MARIA CECÍLIA MENDIA

* *

*

VITA (Luís Washington). — *A filosofia contemporânea em São Paulo*. São Paulo. Editorial Grijalbo e Editôra da Universidade de São Paulo, 1969. 256 páginas.

Reunem-se neste volume excerpotos de numerosos pensadores paulistas. “Foram arrolados representantes de tôdas as tendências especulativas, sem nenhuma preferência por esta ou aquela corrente. O organizador da presente antologia limitou-se à pura transcrição dos textos, deixando de anotá-los em face da singeleza desta edição, destituída de qualquer aparato erudito”. São palavras do próprio autor explicando a razão-de-ser de seu livro, que mal saberia ser o último e cuja publicação não chegou a ver. Todavia, há aqui aquela modesta que foi muito dêle. Não se trata de simples antologia, pois na “Introdução”, que fixa os critérios norteadores do presente trabalho, revelam-se tôdas as qualidades do saudoso escritor e professor, sempre empenhado em captar as mais diversas manifestações do pensamento brasileiro. Omitindo-se modestamente do volume, coube ao Professor Miguel Reale, que escreveu o prefácio, acrescentar, também, ao livro algumas páginas de Luís Washington Vita, complementando, assim, sua galeria de pensadores paulista. São os seguintes os autores tratados no volume: Tomistas e neotomistas (Leonardo van Acker, Castro Nery, e Carlos Lopes de Matos); Positivistas e Marxistas (Cruz Costa e Caio Prado Júnior); Filosofia da vida, do espírito e da existência (Renato Kehl, J. Herculano Pires, Heraldo Barbuy, Vicente Ferreira da Silva, Vilém Flusser); Filosofia das ciências (Teodoro Ramos, André Dreyfus e Leônidas Hegenberg); Culturalistas (Miguel Reale, Roland Corbisier, Renato Cirell Czerna, Irineu Strenger e o próprio Luís Washington Vita). Mais uma excelente contribuição da Editorial Grijalbo, altamente interessada, como suas edições o têm demonstrado, em contribuir para o melhor conhecimento de um pensamento brasileiro.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* *

*

SANTOS (Milton). — *A cidade nos países subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1965.

É reconhecido o fato de que o fenômeno urbano constitui uma característica marcante da civilização contemporânea. Esta explosão urbana que se acentuou nesta primeira metade do século XX tem merecido a atenção de numerosos pesquisadores, através de estudos minuciosos ou da elaboração de manuais que visam sintetizar os conhecimentos adquiridos pelas ciências humanas. Entretanto, esta vasta bibliografia tem-se baseado nas pesquisas efetuadas principalmente nos países desenvolvidos, nos países industrializados do mundo norte-americano e europeu.

Alguns núcleos urbanos do mundo subdesenvolvido beneficiaram-se, até a presente data, de estudos detalhados, mas a bibliografia ressentia-se da falta de um estudo de conjunto que procurasse apreender globalmente as suas características específicas.

É, pois, com satisfação que recebemos o primeiro livro que procura sanar essa deficiência, escrita por um geógrafo brasileiro de amplos méritos. Baseado em suas experiências do mundo latino-americano e africano, Milton Santos procura discernir as características do fenômeno urbano no mundo subdesenvolvido, onde “a cidade cristaliza a vontade do progresso e, a bem dizer, prepara o processo de desenvolvimento”. O livro divide-se em 6 partes. A primeira trata dos caracteres gerais, dos fatores de diferenciação e de suas conseqüências nas grandes cidades dos países subdesenvolvidos. A segunda versa sobre as grandes cidades da América Latina, mostrando os seus grandes tipos urbanos e explicando o que é especificamente latino-americano. A terceira parte é totalmente dedicada ao estudo de Brasília e o subdesenvolvimento, onde o Autor analisa as características do subdesenvolvimento brasileiro e a solução que se pretendeu dar com a construção de Brasília, onde a “vontade criadora (prevista na Constituição de 1946) se confundiu com a vontade de um homem”. Da pressa e da falta de enraizamento de sua edificação resulta que Brasília é “um organismo incompleto e heterogêneo”. Mas o Autor percebeu muito bem a posição de Brasília diante da contingência brasileira, afirmando que “de toda maneira, Brasília é um fenômeno que se antecipa ao futuro do país. Diante do sentimento do inacabado, dado pela imensidão dos espaços vazios, os candangos têm razão para indagar a si mesmos se não estará a cidade à procura de uma alma. Mas, não se diria que ela não tem, já, uma personalidade, resultante dos aspectos ultra-modernos que lhe atribuíram um decreto e da fatalidade de haver sido gerada em um país subdesenvolvido”. A quarta parte analisa os aspectos demográficos e a estrutura social nas cidades da África Ocidental e descreve a organização interna de Abidjan, Acra, Lomé, Cotonou, Dakar e Bamako. Termina esta parte com considerações a propósito do êxodo rural na África Ocidental. O Autor mostra que “o êxodo rural não está ligado à industrialização, pois as cidades sobretudo comerciais do *Tiers Monde* atraem ou recebem uma proporção de migrantes comparável ou superior às metrópoles completas do mundo industrial”.

Este êxodo não é irreversível, o que é explicado pelo “apêgo do homem rural à sua tribo e ao seu *village*”. E este apêgo tribal “ajuda a explicar o modo como essa migração rural-urbana é transcrita no espaço interno das cidades. Em muitos casos, é de acôrdo com sua procedência que o migrante se distribui pelo organismo urbano”. A quinta parte analisa o fato urbano na África do Norte, mas exemplifica somente com o problema urbano da Tunísia e com a descrição de duas cidades: Tunes e Cairoão. A sexta parte, de caráter mais metodológico, inicialmente procura definir a cidade como centro de região; após parte para estudar as disparidades regionais e os polos de desenvolvimento, que é um estudo de geografia aplicada elaborado para o Estado da Bahia a fim de melhor planejar o desenvolvimento econômico estadual. Dedicada, a seguir, um capítulo aos métodos de avaliação da centralidade, resumindo e mostrando as falhas dos vários processos propostos, e termina por mostrar os problemas e as dificuldades para medir a hierarquia nos países subdesenvolvidos, mas não chega a propor nenhuma solução mais explícita. O capítulo fica sem conclusão, e como no mundo subdesenvolvido “a rede urbana como que se cria, estrutura e vive em função de estímulos do mundo exterior”, seria plausível que o Autor desse maiores esclarecimentos sobre o critério de hierarquização já anunciado na página 25, em que “os processos e mecanismos da

comercialização tem um papel decisivo". Este critério é importante porque "a potencialidade metropolitana depende das relações com o resto do país e, principalmente, com o exterior, e a mudança das formas dessas relações pode acarretar modificações de hierarquia".

Logo ao iniciar o seu livro, à página 1, o Autor afirma que "a cidade é uma expressão do subdesenvolvimento". Parece-nos que a frase está mal construída, pois é a forma que assume o fenômeno urbano no mundo subdesenvolvido que pode ser considerada como uma característica desse próprio mundo. Uma dessas características mostra que "a cidade não tem poder para forçar a evolução regional de que depende o seu próprio desenvolvimento". Assim, a cidade deixa de ser um organismo dotado de dinamismo interno auto-suficiente; é um núcleo intermediário que mais reflete a sua região do que a modela à sua feição.

Não se pode deixar de anotar que as páginas relativas às "cidades brancas de Tunes e de Cairoão" são as melhor escritas do livro, com uma descrição perfeita e estilo bem burilado. E esta impressão é mais flagrante quanto a maior parte dos capítulos precedentes deixa a sensação de ser escrita apressadamente, ressentindo-se de uma coesão entrelaçamento mais perfeito. Por exemplo, na página 13, passa brutalmente das considerações sobre os *bidonvilles* para a distribuição espacial das funções nas cidades dos países subdesenvolvido. Na página 82, procura utilizar de dados demográficos para Conakry e Cotonou, mas somente cita os dados para Conakry e faz referências aos dados de Cotonou. Seria melhor expor as duas séries de dados e as interpretações atinentes aos mesmos.

Outra observação que denota urgência em sua publicação é a relativa aos erros de impressão, sendo que alguns mudam completamente o sentido do raciocínio do Autor. Citemos, por exemplo, os encontrados na página 15, onde na segunda e sexta linhas do primeiro parágrafo deve-se ler *idades*, em lugar de *classes*, e *preside* (?) em lugar de *president*. Na página 73, os estrangeiros representam 54% da população total de Dakar, e não 5,4%; e na décima segunda linha da página 108, deve-se ler *excedente*, e não *excelente*.

Tôdas estas pequenas falhas que facilmente podem ser sanadas não chegam a embaçar o mérito do livro que representa um esforço pioneiro em compreender globalmente as características específicas das cidades no mundo subdesenvolvido. É um livro que provoca muitas considerações e merece ser lido e discutido por todos aqueles que procuram melhor compreender os problemas relativos aos países subdesenvolvidos.

ANTÔNIO CHRISTOFOLETTI

* *
*

PENDLE (George). — *História da América Latina*. Tradução de M. Helena Albárran de Carvalho. Lisboa. Editôra Ulisséia. s. d. 268 páginas.

Um livro "Pelicano" é sempre um livro digno de ser lido e recomendado, tal o prestígio da importante coleção inglesa, que vem sendo divulgada em Portugal e também no Brasil. Concisão, método e clareza, eis três características desses livros. Não foge à regra a *História da América Latina*, de George Pendle. Trata-se de um ensaio sobre a história da América Latina, apressa-se o Autor em lembrar ao leitor, logo no início do prefácio. E também em prevenir: "Não é uma compilação